

gente lá ter sacudido as varejeiras dos mendigos/ Que também foram à romaria// As varejeiras põem as larvas nos buracos da pele dos mendigos/ E da fermentação/ Nas- cem odores azedos, padres nossos e membros mutilados// É assim na Serra d'Arga/ Quando canta a Deolinda/ E vem gente de longe só para a ouvir cantar".

Depois deste poema, António Pedro deixou alguma poesia por revistas literárias, que desejou reunir mais tarde, sob o título *Quando já não se engana o Coração com Música*.

Ignoro, todavia, se essa compilação se fez, antes ou após a sua morte. De qual- quer modo, não chegou a vir a lume.

E é lamentável!

Como remate desta memória, quero aqui citar a autoridade crítica de Jorge de Sena que assim classifica o poeta António Pedro:

"Lírico delicado e ao mesmo tempo rude, a sua poesia, em que o Minho raiano e marítimo e o surrealismo se foram cruzando cada vez mais, é uma das mais interes- santes da sua época, e não tem sido estimada nem o foi pelo próprio autor, devidamente".

Possa, ao menos, a simplicidade deste texto contribuir para alertar algumas sen- sibilidades e inteligências para a obra poética de António Pedro, tão injustamente es- quecida.

(1991)

ANTÓNIO SARDINHA

Em 1912, António Sardinha escrevia ao seu amigo Luís d'Almeida Braga, então expatriado político na "meiga Flandres", anunciando-lhe o seu casamento e a sua conversão à Monarquia e ao Catolicismo: «Deixava (dizia ele, comovidamente) de ser um ponto, uma pausa, para (se) tornar o anel de uma cadeia infinita».

Do casamento de Sardinha com a Senhora Dona Ana Júlia Nunes da Silva veio à luz um menino a que foi dado o nome de Lopo. Morria um ano depois, a 29 de Ju- nho de 1915, no dia de São Pedro, Apóstolo. Sofreram os pais, profundamente, esta perda. E o poeta, fazendo da sua dor um poema, como aconselhava Goethe, compôs- -lhe inúmeros e sentidos versos.

No livro *A Epopeia da Planticie* (dedicado ao seu filho morto), Sardinha revela- -nos a ansiedade e o júbilo com que esperava continuar-se (ele, tão amante da Tradi- ção e da Família) naquele que de si viesse.

É logo no poema *Epitalâmio*, ao celebrar o amor conjugal, que implora: «... p'los tempos fora/ que Deus a geração nos acrescente». E, perante a esposa grávida, canta com emoção a (sua) *Senhora do Ó*, onde a doçura da vida doméstica se apetece e louva: «Festa da Espectação, florido altar ... /-Quando o Menino em nossa casa en- trar /que não te falte o leite p'ra o criar.» Depois, comparando a esposa, devota- mente, à santa do seu nome de baptismo, tão reproduzida em arte, tendo junto aos joelhos a filha menina, futura mãe de Deus, e carinhosamente ensinando-a a ler, eis que o poeta pinta, em verso, a cena que o orgulha e enternece: "Com o filho ao lado, já te avisto, /as letras ensinando-lhe ao depois. /Nem já te falta o livro p'ra leitura. /Sant'Ana tinha os rolos da Escritura, /tu tens os versos que eu fizer aos dois".

Por fim, "a Árvore floriu", uma criança vem ao mundo no lar feliz de António Sardinha. É dia de S. Basílio, Doutor da Igreja. (Por esse tempo, S. Basílio feste- java-se a 14 de Junho. Mas, como me esclareceu, numa carta particular, o sábio his- toriador Monsenhor Manuel Teixeira, que consultei em Macau sobre o rigor desta data, «depois de 2000 anos houve um cataclismo e tudo mudou: missas, festas, san- tos, foi um rodopio completo. O grande S. Basílio não resistiu a esta dança e deu seis passos atrás: 14 de Junho, em que campeava só e independente, passou para 2 de Janeiro e deram-lhe um companheiro: 2 de Janeiro: S. Basílio Magno e S. Gre- gório de Nazianzeno, Bispos e Doutores da Igreja, nasceram ambos em 330, Basílio morreu a 1.1.379 e Gregório morreu a 25.1.389 ou 390. Dois íntimos amigos, dois grandes Doutores e dois grandes Santos».)

O *Cântico de Sangue* revoa, como aleluia, no coração do poeta-pai: «A Árvore floriu /louvado seja Deus!-, /e em dons de maravilha se renova /p'ra duração dos Meus». E, no *Soneto da Visitação*, o jovem patriarca, escutando a adoração humilde da criadagem ante o berço do filho recém-nado, exclama: «Tenho o presépio em nossa casa armado/(...) que Deus nos dê saúde p'ra o criar». O cultor da tradição,

sendo sensível aos ritos e palavras que o tempo enraíza nas almas, coloca, em jeito ancestral de bênção, a mão sobre a pequenina cabeça do seu menino e reza: «*Deus te abençoe ...* - Senhor Onnipotente, /que o voto que de mim agora sai/não tenha nunca fim na minha gente». Recordando os elos da cadeia familiar, ao oferecer ver-sos *À Senhora* (sua) *mãe*, reconhecendo a dívida de amor que para com ela contraiu, julga poder pagar-lhe, e largamente, com o amor do neto: «... essa conta enorme, desmedida, /chegue a excedê-la o amor do seu netinho». E não deixa de conceber uma bela canção de embalo, *Toada do Menino*, onde uma quadra, súbito, sobressai e se impõe pelo que tem de profético: «Nasceste em roupa de preço, /- onde é que irás acabar? /Eu peço a Deus que te leve, /se te não há-de guardar».

Precisamente no dia do nascimento do pequenino Lopo, António Sardinha recebe pelo correio o livro *Bartolomeu Marinheiro*, de Afonso Lopes Vieira (uma obrinha para os «piquenos portugueses»), recém-editado. Mas só a 2 de Agosto o poeta do *Tronco Reverdecido* acha tempo para agradecer ao autor das *Canções do Vento e do Sol*. E fá-lo numa extensa carta de maior interesse político, mas de que apenas reproduzirei aqui algumas laudas de interesse puramente literário:

«Meu querido Poeta

«Quando o *Bartolomeu Marinheiro* entrou nesta sua casa havia nela uma emoção especial para o amar e o sentir. Acabava de nascer o meu primeiro Filho. E com o lar todo enramalhado na festa admirável do sangue, a minh' alma excedeu-se e subiu mais alto ainda, graças ao internecimento (sic) daquelas rimas tam claras e tam brandas. Ficaram elas vibrando adentro de mim na esperança linda de as ensinar um dia ao pequenino ser que assim me desdobra a existência, atribuindo-lhe horizontes novos, perspectivas inatingidas. Por isso não é já só o admirador que lhe presta hoje uma homenagem calorosa. É mais um Pai que saúda com gratidão pelo muito que irá dever à sua literatura de maravilha. Tam depressa o entendimento alvoreça no meu Morgado, eu hei-de pôr-lhe ao ouvido esse buzio encantador que é realmente o *Bartolomeu Marinheiro*. E desde já lhe prometo, meu querido Amigo, uma *festa de autos* em nossa casa com os meus tradicionalíssimos bonecos de Santo Aleixo desempenhando o lindo *Auto da Barca do Inferno* (para petizes) à sombra de um parreiral alentejano. Oh, eu já sonho com o endiabrado *Mestre-sala* declamando em aprumo as palavras cidadinas do Prólogo! Será uma interpretação regionalista da mais bela tentativa de teatro infantil que eu conheço. A creançada abrirá os olhos gulosos para o cenário de pasmo, envolvendo-o a si na simpatia ruidosa de uma idade toda ela borbulhões de contentamento. O compromisso estabelece-se. Creio que o aceitará.»

Esta carta merece alguns comentários:

O livro *Bartolomeu Marinheiro* foi agressivamente criticado por Fernando Pessoa, sob o título «O Naufrágio de Bartolomeu», no nº 1, de 1 de Março de 1913, da revista de crítica *Teatro*, dirigida por Boavida Portugal. A par de algumas afirmações correctas («Nenhum livro para crianças deve ser escrito por crianças»), o autor

de *Mensagem* exagera em considerar Lopes Vieira «um criminoso» nas suas obras dedicadas à infância, a que nega qualidades literárias (num texto que se julga de 1914, escrevia Pessoa que o poeta de *Animais Nossos Amigos* «tombara na imbecilidade»); qualidades essas que Sardinha releva: «rimas tam claras e tam brandas». Eis um exemplo dessas virtudes: «E logo se houve o gageiro /estas palavras gritar: /-Já vejo agora o Gigante, /capitão, vou-o avisar! /É mais alto que uma torre /que sobe direita no ar; /e está-nos ele ralhando /e, só de ouvi-lo ralhár, /o mar ondula profundo /e o vento ulula a soprar!»

O *Auto da Barca do Inferno*, ou, melhor, *Autozinho da Barca do Inferno* (o nome exacto que lhe deu o autor), escreveu-o Lopes Vieira para fantoches e teve a sua estreia no dia 12 de Fevereiro de 1913. Dedicado às filhas de Raul Lino, que lhe pintou o cenário, é um mero brinquedo inspirado na obra homónima vicentina. Esteve inédito até 1969, quando, no Natal desse ano, foi dado à estampa pela *Vida Mundial*. Possui-lhe uma cópia, desde 1950, graças à gentileza de Augusto de Santa-Rita, que ma facultou.

Quanto aos bonecos de Santo Aleixo, darei a palavra a Azinhal Abelho, que assim se lhes refere no seu *Teatro Popular Português*: «Santo Aleixo é uma aldeia do concelho de Monforte do Alentejo, nas redondezas de Extremoz, que é centro bonecreiro de barristas, onde a composição do Presépio é um altar cheio de graça lírica, com figuras alegóricas, desde os pastores aos anjos e outras simbologias de Natal. Mas teria alguma influência o meio difusor dos Bonecos de Santo Aleixo?

«Tudo suposições. Ao certo, ninguém sabe as origens deste grupo de bonifrates, que veio de pais para filhos. O que se afirma é que é um Teatro, conservado nos meios rurais do Alentejo.»

Um dos apresentadores do espectáculo é o chamado Mestre Salas, descrito deste jeito por Azinhal Abelho: «A figura de Mestre Salas será a de um antigo mestre-de-cerimónias. Personagem jovial, esperto cantador, rapioqueiro, fadistinha, com muita basófia, vence todas as porfias, com uma bengalinha na mão».

Afonso Lopes Vieira responde com umas breves linhas à extensa carta de António Sardinha, felicitando-o pelo nascimento do filho. A longa resposta prometida iria enviá-la mais tarde. Eis a carta remetida para Monforte, no dia 8 de Agosto de 1914, acabara de iniciar-se a tragédia da I Guerra Mundial. Tal como a de Sardinha, faz parte da correspondência inédita entre os dois escritores, em meu poder:

«Meu querido camarada - Escrevo-lhe só com este fim - felicitá-lo e saudá-lo pelo nascimento de seu Filho.

«Em outra ocasião mais propícia falarei longamente do que me diz na sua bela carta.

«Deu-me um intenso e bom prazer o seu projecto da *Barca* assim concebido. - Que horror de tragédia este! Que será de nós?

«Abraça-o como seu camarada e admirador afectuosíssimo

«Afonso Lopes Vieira».

Os imperscrutáveis desígnios divinos levaram deste mundo, demasiado cedo, «o único filho da Casa» de António Sardinha. O golpe foi imenso, mas a alta formação cristã do poeta não permitiu que um excessivo desespero lhe envenenasse o pensamento religioso. Resignação é, de facto, o sentimento de maior realce no livro *Era Uma Vez Um Menino...*, dado à estampa em 1926, já depois de desaparecido o seu autor, onde a vida breve e a morte do pequenino herdeiro do nome (e quiçá do talento) do poeta são evocados em sonetos e sonetinhos de poderoso valor elegíaco.

Todavia, não recolheu Sardinha, nesta obra, toda a poesia que lhe inspirara a ausência do filho. Alguns sonetos quedaram inéditos (ou dispersos, como *Rosas de Malherbe*, integrado em *12 Sonetos Inéditos*, homenagem ao poeta da iniciativa da Câmara de Elvas, onde se lê: «Por mão sinistra foi ceifado o horto./ Doces irmãs do meu filhinho morto, /ó rosas de Malherbe, aonde estais?»). Três desses sonetos, todos datados de 1916, vieram parar-me às mãos, graças à gentileza do meu ilustre Amigo, o historiador Dr. Rodrigues Cavalheiro, falecido em 1985. Tive a oportunidade de publicar um deles, em 1981, no jornal *a Rua*. Intitula-se *Soneto do Desalento*. É, exactamente, um dos que o autor pretendeu incluir no ciclo mais reduzido do desespero e não no da resignação. Nele, servido pela pessoalíssima (ainda que algo monótona) musicalidade do poeta, lamenta-se o pai perante o berço vazio, propondo à esposa que, mesmo assim, ambos o embalem, adormecendo a dor e mantendo viva a saudade. Acto de desespero que, afinal, aponta uma resignação sublime. Vale a pena repeti-lo aqui:

*Deita a cabeça sobre os meus joelhos,
- descansa a tua dor na minha dor.
Como seremos nós em sendo velhos?
Como seremos nós então, Amor?*

*Agora ainda os lábios são vermelhos.
Temos ainda mocidade e cor.
Mas que seremos nós, em sendo velhos,
quando nas veias nos faltar calor?*

*Como é que iremos nós contando os dias,
sem ter um filho, com um berço em casa,
deserto, frio, como as coisas frias?*

*Oh, esse berço embála-o docemente!
E assim cantando à dor que nos abrasa,
que bom será o envelhecer da gente!*

E agora admirem-se os outros dois, saboreando-lhes o prazer do ineditismo e o alto valor poético. O primeiro intitula-se *A Jesus Crucificado* (e é talvez o mais original dos três, no remate de surpreendente barroquismo, autêntica chave d'ouro) e reflecte o desespero do pai, crucificado na dor da perda do filho:

*Todo lavado em sangue, moribundo,
Jesus, Deus feito Homem - quem diria?-,
crucificado até ao fim do Mundo,
lá continua ainda na agonia.*

*Pregado numa cruz, não têm fundo
as chagas que a Paixão lhe causaria.
Com os pecados negros deste mundo,
elas aumentam sempre dia a dia.*

*A cada hora em mim crucificado,
ao menos uma vez, por mim sofrida,
eu soube dar valor à Sua Cruz.*

*O coração eu tenho esfarrapado.
Mas que esta dor, maior que a minha vida,
possa servir de alívio à de Jesus.*

O segundo e último, *A Nossa Casa*, é todo pungência: «Foi-se o Menino!»

*A nossa casa tão alegre dantes,
tem hoje um ar suspenso de incerteza.
Pesa nas coisas, pesa nos semblantes,
a mesma angústia que nas almas pesa.*

*Hoje o silêncio é um dos habitantes,
hoje a amargura vem sentar-se à mesa.
A nossa casa, oh, quem na via dantes,
quando era toda uma alegria acesa!*

*Foi-se o Menino! e a nossa casa agora
não ri com ele, nem com ele chora.
Foi-se o Menino! - disse adeus ao lar ...*

*E desde então, a nossa casa, triste,
é como um corpo que p'ra aqui existe,
mas sem a alma já para o animar!*

António Sardinha nunca mais teve a suprema felicidade de voltar a ver, no seu lar, o presépio armado. Resignou-se? Decerto. O seu espírito, cantor da Terra e do Sangue, pôs sempre Deus no cimo dos valores prezados:

*Eu peço a Deus que te leve
se te não há-de guardar.*

(1989)

ARMANDO CORTES-RODRIGUES

Outro mago do *Orpheu*, como Alfredo Guisado e Luís de Montalvor, é Armando Cortes-Rodrigues, de que passa este ano, igualmente, o centenário do nascimento. A sua colaboração poética aparece no 1º número da revista e não sendo, talvez, tão requintadamente artística, não deixa de glosar os mesmos ambientes simbolistas (em 1913, o poeta chegou a colaborar n' *A Águia*, de Pascoaes) que Guisado trouxera para a sua própria poesia.

Atente-se em alguns versos, recolhidos a oito, dos primeiros textos órficos de Cortes-Rodrigues:

«Litánias litúrgicas de febre e de paixão» (que exemplificam os ecos simbolistas); «O mar da minha vida não tem longes. /É tudo água só! E o horizonte /Fundese no céu. Por sobre a ponte /Marcha, sinistra, a procissão dos monges» (que nos recordam a paisagem decadentista). «Ergo os meus olhos vagos, na distância /Da sombra do meu ser» (onde o Saudosismo aflui).

No 2º número do *Orpheu*, embora sob o pseudónimo Violante de Cisneyros, o poeta é, todavia, mais vanguardista, mais original, como nesta quadra pertencente a um sonetinho, género que teve a sua preferência quando poetou sob a máscara feminina:

*Passo no mundo a vivê-lo,
Passo no mundo a senti-lo.
E esta cor do meu cabelo
É o vê-lo e o possuí-lo.*

Ou como nesta inevitável e singular Salomé, de outro sonetinho mais, de que cito os dois tercetos:

*Dancei... Dancei... E o ver-me,
Toda de curva e de pé,
Era o sentido de ser-me.*

*Presente no meu olhar,
Eu fui outra Salomé,
Feita de mim, a dançar.*

Segundo Fernando Pessoa, estes poemas da «personalidade inventada», ou seja Violante de Cisneyros, são «uma maravilha subtil de criação dramática». O mesmo não dirá o autor da *Mensagem* da nova fase de Cortes-Rodrigues iniciada, na sua ilha